

11. Primavera Silenciosa.

Prof. Ms. Ricardo Jafé Carelli Fontes¹

Resenha de:

CARSON, Rachel L. **Primavera Silenciosa**. Tradução Claudia Sant'Ana Martins.
São Paulo: Gaia, 2010. 327 p.

Finalmente chega ao nosso país a publicação que se tornou um marco na questão ambiental. *Primavera Silenciosa* (Silent Spring) de Rachel L. Carson, de 1962.

Rachel Carson nasceu em 27 de Maio de 1907 na Pensilvânia - Estados Unidos. Trabalhou a maior parte de sua vida como bióloga marinha para o Serviço de Peixes e Vida Selvagem dos Estados Unidos. No final da década de 1950, Carson já havia publicado três obras poéticas que se transformaram em sucesso popular, versando sobre o mar. Nelas se incluía o best-seller *O mar que nos cerca*.

Carson enfrentou enormes problemas pessoais e ataques de críticos de modo bastante parecido com os ataques que sofreu Charles Darwin quando publicou *A Origem das Espécies*. Sua obra sofreu críticas infundadas sob o ponto de vista científico, as quais foram instiladas, perniciosamente, por uma mídia manipulada por interesses do capital da maior indústria química do planeta. Carson foi reconhecida em vida, e recebeu diversos prêmios. Sua luta foi interrompida, prematuramente, com sua morte em 14 de Abril de 1964.

Romancista e pesquisadora, o lançamento de seu livro *Primavera Silenciosa* deu início a uma verdadeira revolução em defesa do meio ambiente, influenciando a rede de televisão CBS a fazer um documentário sobre os efeitos do DDT, o qual foi assistido por mais de 15 milhões de espectadores. No ano de 2006, o jornal britânico *The Guardian* escolheu Rachel Carson como uma das pessoas que mais contribuíram para a defesa do meio ambiente.

Observamos em nossas leituras dos escritos deixados por Rachel Carson, que relatórios científicos podem também conter poesia, arte e literatura. Isto porque Carson, leitora assídua, exibia talento extraordinário para a literatura. Aos dez anos, publicou sua primeira história em uma revista de literatura infantil. No que diz respeito ao pendor pelas observações da natureza, Carson fora estimulada pela mãe e por uma professora de zoologia (na faculdade hoje denominada *Clatham College*). Estes fatores, aliados ao profundo comprometimento com a pesquisa, geraram um livro único que reúne um dossiê de denúncias, um relatório e um poema. Esta era a postura de uma escritora que denunciava arbitrariedades e crimes contra a natureza, baseada em observações e conhecimentos científicos comprovados, que relatava com eminente segurança e amparo fatos reais

¹ Prof. Ms. Ricardo Jafé Carelli Fontes é mestre pelo Centro Universitário UNIFIEO (2002). Atualmente é docente na Faculdade Nossa Cidade (FNC), em Carapicuíba-SP.

percebidos pela sociedade. Sua atitude traduz a esperança por dias melhores em relação às questões ambientais, como somente uma poetisa poderia traduzir.

Rachel Carson expõe, baseada em fatos documentados e demonstrados, as moléstias que atingiram os seres vivos, e entre eles o homem. São doenças que surgiram a partir da adoção e utilização (inadequada) de produtos químicos que não são da natureza, isto é, foram criados pelo homem. No texto ela associa o instinto de morte do ser humano com as pulverizações das lavouras em todo o território norte-americano, pouco depois da II Guerra Mundial. Ao invés de atirar bombas sobre seus inimigos, agora os seres humanos, lançavam, em suas lavouras, mistura de inseticidas com óleo (contra insetos e ervas daninhas). Esta mistura se provou terrivelmente inadequada, causando uma série de desequilíbrios ambientais, além de aumentar a resistência de algumas espécies de insetos, que voltaram a criar mais instabilidade ambiental, além de novas doenças nos humanos e outros seres vivos.

Em seu extenso trabalho, Carson não deixa de fora os problemas de contaminações letais de trabalhadores em fazendas. Várias atividades baseavam-se no controle de pragas. Vários exemplos são citados, tais como: problemas de saúde relacionados à deficiência mental associada ao uso de carbamatos, empregados para impedir que as batatas germinem nos armazéns, antes de serem comercializadas. A autora não esqueceu também, das substâncias carcinógenas, criadas pelo homem e empregadas na lavoura como defensivos agrícolas. Rachel Carson denunciou o câncer de origem ambiental causado por essas substâncias.

Estão relatados, no preciso livro de Carson, inúmeros casos, desde as substâncias químicas inventadas, usadas para erradicar ervas daninhas e insetos, que borrifadas de avião sobre áreas rurais (e urbanas, às vezes), em doses absurdas, causaram o aparecimento de inúmeras doenças nos seres humanos. Tudo está amplamente evidenciado por Carson, devidamente ratificado e documentado, em *Primavera Silenciosa*, sendo que as fontes estão relacionadas, inclusive, no rol das principais fontes da autora, que vai da página 257 à 308.

Como comentário ilustrativo dos enganos cometidos com relação à pulverização inadequada das lavouras, Rachel Carson escreve, na página 39: “a alquila ou os fosfatos orgânicos, possuem substâncias químicas das mais venenosas do mundo, bastando para o envenenamento agudo, que as pessoas simplesmente aspirem as nuvens de fumaça destes inseticidas pulverizados via avião (...) a origem desses inseticidas tem certo significado irônico.” A respiração fica proibida.

Embora alguns desses produtos químicos em si – ésteres orgânicos de ácido fosfórico – fossem conhecidos há muitos anos, suas propriedades inseticidas só foram descobertas por um químico alemão, Gerhard Schrader, no fim da década de 1930. Quase imediatamente, o governo alemão reconheceu o valor dessas mesmas substâncias químicas, como novas e devastadoras armas de guerra dos seres humanos contra seres humanos, sendo que as pesquisas sobre elas foram declaradas sigilosas. Algumas dessas substâncias foram transformadas em gases nervosos mortíferos. Outras, de estrutura bastante semelhante, tornaram-se inseticidas. Neste ponto, cabe uma reflexão: no afã de auferir lucros descabidos, a ganância da poderosa e iniciante indústria química, chegou a fazer a

população de consumidores “comer” produtos banhados em inseticidas que, originalmente, foram utilizados como armas químicas no palco mortal da guerra.

Primavera Silenciosa parece ser um texto destinado a estudiosos da questão ambiental; texto dirigido de forma muito especial para leitores cujas ciências tenham laços de afinidade com o meio ambiente, tais como: biologia, química e física. Uma reflexão mais aprofundada, porém, nos leva além destas esferas, além da administração (e o marketing verde), além do direito (e a legislação ambiental), além das ciências políticas (partidos verdes, ONGs ambientais). Parece ser uma questão filosófica fundamental, pois está atrelada ao direito a uma vida saudável e à sustentabilidade do planeta e da própria humanidade.

Rachel Carson, em *Primavera Silenciosa*, exemplifica os efeitos deletérios do DDT com cartas da população em geral, dirigidas às autoridades responsáveis pela gestão ambiental, que podem ser encontradas no capítulo, “E Nenhum Pássaro Canta”, localizada a partir da página 96.

Aqui no nosso povoado (escreve uma dona de casa ao Departamento de Aves do Museu Norte-Americano de História Natural) os olmos vêm sendo pulverizados há muitos anos (escreveu ela em 1958). Quando nos mudamos para cá, a terra era rica em aves; instalei um alimentador, que passou a receber um fluxo regular de cardeais, chapins e pica-paus negros e cinzentos por todo o inverno, e os cardeais e chapins traziam seus filhotes no verão. Após alguns anos de pulverização com DDT, a cidade quase não tem mais pintarroxos e estorninhos; os chapins não têm vindo ao alimentador há dois anos e este ano os cardeais também sumiram; as ninhadas nas vizinhanças parecem se resumir a um par de pombas e talvez uma família de tordos. É difícil explicar às crianças que os pássaros foram mortos, quando elas aprenderam na escola que uma lei federal protege as aves de serem mortas ou capturadas. ‘Elas vão voltar algum dia?’, perguntam elas, e eu não sei o que responder. Os olmos ainda estão morrendo, assim como os pássaros. Alguma coisa está sendo feita? É possível fazer alguma coisa? Será que eu posso ajudar? (CARSON, 2010, p. 96)

Uma mulher do Alabama teve sua carta citada pela autora (p. 96):

Nossa terra tem sido um verdadeiro santuário de pássaros por mais de meio século. No último mês de julho, todos comentamos: ‘Há mais pássaros do que nunca’. Então, de repente, na segunda semana de agosto, todas as aves desapareceram. Eu estava acostumada a levantar cedo para cuidar da minha égua favorita, que tinha uma jovem potra. Não havia um único som de canto de pássaros. Foi estranho, aterrorizante. O que o ser humano estava fazendo com o nosso mundo perfeito e belo? Finalmente, cinco meses depois apareceram um gaio-azul e uma carriça.

Carson conclui que (p. 96):

Em áreas cada vez maiores dos Estados Unidos, a primavera chega agora sem ser anunciada pelo regresso dos pássaros, e as manhãs, outrora preenchidas pela beleza do canto das aves, estão estranhamente silenciosas. Esse súbito silenciar do canto dos pássaros, essa obliteração da cor, da beleza e do encanto que as aves emprestam ao nosso mundo se deu de forma rápida e insidiosa, sem ser notada por aqueles cujas comunidades ainda não foram afetadas.

Como resultado dos estudos de Carson, veio a publicação de seu livro *Primavera Silenciosa*, em 1962. Dez anos depois, o DDT foi banido do país (EUA), por ser cancerígeno. Foi comprovado que, uma vez pulverizado nas plantações, seus efeitos danosos à saúde poderiam alcançar mais de uma geração, pois resíduos de DDT foram encontrados no leite humano.

Sob o título *Devastação Desnecessária*, página 83, a autora expõe:

À medida que o ser humano avança rumo a seu objetivo proclamado de conquistar a natureza, ele vem escrevendo uma deprimente lista de destruições, dirigidas não só contra a Terra em que ele habita como também contra os seres vivos que a compartilham com ele. A história dos séculos recentes tem suas páginas negras – a matança do búfalo nas planícies do Oeste, o massacre das aves marinhas efetuado pelos caçadores mercenários, o quase extermínio das garças por causa de sua plumagem. Agora, a essas devastações e outras semelhantes, estamos acrescentando um novo capítulo e um novo tipo de devastação – a matança direta de pássaros, mamíferos, peixes e, na verdade, praticamente todas as formas de vida selvagem por inseticidas químicos pulverizados indiscriminadamente sobre a terra. De acordo com a filosofia que agora parece guiar nossos destinos, nada nem ninguém deve se colocar no caminho do homem armado com um pulverizador.

139

Fica fácil entender os motivos que levaram as manchetes do jornal *New York Times* a expressar o sentimento das pessoas daquela nação: “A ‘Primavera Silenciosa’ se transformou em um verão ruidoso”. Nas palavras de Linda Lear (introdução ao livro, página 11):

Nos poucos meses entre a publicação em série de ‘Primavera Silenciosa’ pela revista ‘New Yorker’ em junho e sua publicação na forma de livro em setembro, o alerta de Rachel Carson desencadeou um debate nacional sobre o uso de pesticidas químicos, a responsabilidade da ciência e os limites do progresso tecnológico. Quando Carson morreu, menos de um ano e meio mais tarde, na primavera de 1964, aos 56 anos de idade, havia dado partida a uma série de eventos que resultariam na proibição da produção doméstica (EUA) do DDT e na criação de um

movimento popular exigindo a proteção do meio ambiente por meio de regras estaduais e federais. **O livro de Carson deu início a uma transformação na relação entre os seres humanos e o mundo natural, e incitou o despertar da consciência pública ambiental** (o grifo é nosso).

Após 48 anos, chega ao nosso país a tradução do livro que foi um eletro choque na opinião pública norte-americana, e um marco nos movimentos em defesa do meio ambiente. O livro *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson reuniu em um único texto, conhecimentos e informações esparsos sobre o efeito dos pesticidas, que já eram de conhecimento dos especialistas, cada um em sua área, mas que não tinham sido percebidos em sua totalidade tanto pelos especialistas e (menos ainda) pela população. A autora relata também a ocultação de informações mantidas sistematicamente pelos órgãos do Governo (EUA), mancomunados com empresários da indústria química e imprensa daquele país, o que acarretou o absurdo que fez do contribuinte o principal investidor de sua desgraça ambiental. O grande mérito da autora está em sua capacidade de sintetizar todo o conhecimento em um vislumbre único para que todos, cientistas e população em geral, pudessem entender mais facilmente a situação dramática que o uso dos pesticidas e herbicidas estava causando.

140

Rachel Carson escreveu em carta a uma amiga:

A beleza do mundo vivente que eu estava tentando salvar sempre ocupou um lugar de destaque em minha mente – assim como a indignação pelas coisas insensatas e brutais que estavam sendo feitas (...) Agora consigo crer que, pelo menos, ajudei um pouco.